

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**DOUBLE BILL**  
**12 de Novembro de 2022**

**HE LIU / 1997**  
**(O Rio)**

*Um filme de Tsai Ming Liang*

Realização: Tsai Ming Liang / Argumento: Tsai Ming Liang, Yang Pi-Ying e Tsai Yi-Chun / Direcção de Fotografia: Lao Pen-Jung / Direcção Artística: Lee Pao-Lin / Misturas de Som: Yang Ching-Ang / Montagem: Chen Sheng-Chang e Lei Chen-Ching / Interpretação: Miao Tian (o pai), Li Kang Sheng (o rapaz), Lu Xiaolin (a mãe), Ann Hui (a realizadora), Chen Xiang Ki (a namorada do rapaz), Chen Jao Rong (o jovem na sauna), Lu Shiao-Lin (o amante da mãe), Yang Kuei Mei (rapariga do quarto 702).

Produção: Central Motion Pictures Corporation / Produtores: Hsu Li-Kong e Chiu Shun-Shing / Cópia em 35mm, colorida, falada em chinês com legendas em francês e legendada electronicamente em português / Duração: 115 minutos / Estreia em Portugal: King, a 15 de Maio de 1998.

\*\*\*

**He Liu** é apresentado em “double bill” com **The River**, de Frank Borzage (“folha” distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

\*\*\*

Com **O Rio** fechou-se, por assim dizer, o ciclo inicial da obra de Tsai Ming Liang. **O Rio** seria o ponto final da trilogia iniciada em **Rebels of Neon God**, depois continuada em **Vive l'Amour**. De qualquer modo, e por muitas que sejam as relações específicas entre os filmes explicitamente integrantes desta trilogia, é evidente que eles não formam um compartimento estanque dentro da obra de Tsai – e se calhar, na mente do espectador, até é mais imediata a associação entre **O Rio** e **The Hole** (o filme seguinte), pela continuação e exacerbação da simbologia aquosa, entre dilúvios e infiltrações, e pela presença ostensiva de misteriosos mal-estares (das dores de pescoço de Lee Kang Sheng em **O Rio** à peste “cronenberg-kafkiana” que transforma pessoas em baratas em **The Hole**), tudo coisas de que nos filmes anteriores havia poucos (o apartamento inundado de **Rebels of the Neon God**) ou nenhuns traços.

“A vida é como um rio, existe sempre algum recanto escuro, profundo e pantanoso” – é o lema do filme de Tsai. Se os entendimentos metafóricos da frase são múltiplos e explicitamente seguidos pelo filme (personagens levadas à deriva pela “corrente” da vida, atiradas umas contra as outras nesses recantos “escuros, profundos e pantanosos”), é curioso notar que praticamente tudo começa a partir de uma expressão física e concreta dessa ideia. Depois do plano inicial das escadas rolantes (desde logo uma

imagem poderosa para o que se vai seguir) e do encontro casual entre Lee Kang Sheng e a amiga (em **O Rio** tudo nasce de acasos, felizes ou, sobretudo, infelizes), nova intervenção do acaso leva o protagonista a aceitar uma bizarra figuração num filme a ser rodado na margem do rio: fazer de morto, de cadáver a boiar nas águas poluídas e cinzentas, se não profundas nem pantanosas, pelo menos escuras e oleosas. Transportará, a partir desse mergulho, uma marca: as infernais dores de pescoço, para que não parece haver cura. As possibilidades de interpretação são imensas e a simbologia pessoal de Tsai continua a ser tudo menos óbvia, mas é difícil não associar a água ao mal, como se o cineasta invertesse radicalmente o sentido das associações tradicionais do elemento líquido.

Ou então, essa presença inicial e doentia da água do rio cumpre apenas mais uma etapa do “apocalipse urbano” que não deixa de ser outro tema essencial do cinema de Tsai. De algum modo, o “pântano” é o próprio tecido da cidade, sempre filmada pelos seus ângulos mais feios, mais fechados, mais estreitos e, justamente, mais cinzentos – da cor do rio. Uma aridez de betão a rimar a aridez emocional das personagens, transformando-as numa espécie de náufragos, que se mexem muito e andam de um lado para o outro mas vão sempre dar aos mesmo sítios, que são no fim de contas “sítios nenhuns”. É neste quadro que se justifica não apenas o acompanhamento das deambulações isoladas dos três membros da família (pai, mãe e filho), mas sobretudo o encontro fortuitamente “incestuoso” entre o pai e o filho na sauna, no final do filme. Para perfazer o ciclo apocalíptico, **O Rio** cobre a própria sexualidade com uma marca doentia e circular – não há saída, nem pelo prazer nem pelos afectos.

Luís Miguel Oliveira